

Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia de Goiânia

**O Sagrado e a Experiência do Sagrado na
Psicoterapia:
O Olhar de um Gestaltista**
Cibele Mariano Vaz

Goiânia-GO
Junho de 2006

Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia de Goiânia

**O Sagrado e a Experiência do Sagrado na
Psicoterapia:
O Olhar de um Gestaltista**
Cibele Mariano Vaz

Artigo apresentado ao Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia de Goiânia como requisito à conclusão do curso de Especialização *Latu-Sensu* em Gestalt-terapia.

Orientadora: Prof^ª.: Marisete Malaguth Mendonça

Goiânia-GO
Junho de 2006

Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia de Goiânia

Folha de Avaliação

Autora: Cibele Mariano Vaz

Título: O Sagrado e a Experiência do Sagrado na Psicoterapia: O Olhar de um Gestaltista

Goiânia, 28 de Junho de 2006.

Banca Examinadora

Marisete Malaguth Mendonça
Orientadora

Dr. Adriano Furtado Holanda
Psicólogo Convidado

Flávio da Silva Borges
Psicólogo Convidado

Nota Final: _____

Goiânia-GO
Junho de 2006

O Sagrado e a Experiência do Sagrado na Psicoterapia:

O Olhar de um Gestaltista¹

Cibele Mariano Vaz²

Resumo: Este estudo de caso, realizado com base no relato de experiência de um psicoterapeuta da abordagem gestáltica, obtido por intermédio de uma entrevista fenomenológica semi-estruturada, pretende elucidar a experiência do sagrado como parte integrante da psicoterapia, a partir da análise das unidades de sentido reveladas no conteúdo da entrevista. Nesse sentido, apresenta o caminho percorrido por pensadores que enfatizam a experiência do sagrado como detentora da possibilidade de integração do existir. Para tanto, busca-se contextualizar como as pessoas fragmentam seu existir e a necessidade de resgate da dimensão espiritual, inerente ao ser humano, e conseqüentemente, de um existir mais saudável. Pressupõe-se que a psicoterapia constitua ambiente facilitador dessa integração, pois objetiva que o cliente alcance a interação de suas partes dissociadas. Por fim, conclui-se, baseado na teoria e na experiência do entrevistado, que considerar a vivência do sagrado como parte integrante do processo psicoterapêutico o torna mais rico e repleto de significado e transformação tanto para o cliente quanto para o psicoterapeuta.

Palavras-chave: sagrado, experiência do sagrado, dimensão espiritual, psicoterapia, *Gestalt-terapia*.

Introdução

Na sociedade atual, evidencia-se um crescente aumento na discussão acerca da importância da integração da existência humana, pois nos relacionamentos prevalece a separação, e na tentativa de manutenção da individualidade acontece a fragmentação do viver. Trata-se de uma discussão presente desde a tradição do pensamento dos filósofos da existência como Sartre, Marcel, Merleau-Ponty, Martin Heidegger, Jaspers e Kierkegaard (Hall & Lindzey, 1984; Penha, 1990), passando pela atualidade de sua presença em teóricos como Eliade (1992), e que se mantém em autores contemporâneos como Hycner (1995) e Cavalcanti (2005). Estes pensadores afirmam a dificuldade no contato com um sentido maior do ser, que provoca uma atitude defensiva e restrita em relação ao novo, um isolamento em

¹ Artigo apresentado ao Instituto de Treinamento e Pesquisa em *Gestalt-terapia* de Goiânia como requisito à conclusão do curso de Especialização *Latu-Sensu* em *Gestalt-terapia*.

² Psicóloga, especializanda do curso de Pós-graduação em *Gestalt-terapia* e em Terapia de Criança, Casal e Família pelo Instituto de Treinamento e Pesquisa em *Gestalt-terapia* de Goiânia (ITGT/UCG). Psicóloga Escolar e Psicoterapeuta na Clínica Quinta Essência. e-mail: cibelevez@hotmail.com

relação ao outro e a uma forma mais profunda de existir. Nesse contexto, as pessoas procuram à psicoterapia, ambiente considerado propício para que aconteça o resgate da totalidade do ser, mediante momentos transformadores e transcendentais.

Ribeiro (1997, 2004, 2005a) define a estrutura que constitui o homem em quatro dimensões básicas – biológica, psicológica, sociológica e espiritual – que, ao se desenvolverem, nessa ordem, de forma saudável, possibilitam alcançar a dimensão espiritual (sacro-transcendental), ou seja, a pessoa em que os três primeiros campos se desenvolveram de forma harmônica e integrada poderá reconhecer e vivenciar o quarto campo – a dimensão espiritual. Somente considerando o homem holisticamente torna-se possível conhecê-lo profundamente.

Com base nessa estrutura, afirma-se, neste texto, ser possível ampliar não só os conhecimentos da abordagem gestáltica ao incluir a dimensão espiritual, mas também a profundidade do processo psicoterapêutico por meio da abertura para reconhecer e considerar a existência do sagrado na vida, por ser uma parte da totalidade da existência humana. Como enfatiza Buber (2004), a pessoa separada do sagrado conhece o mundo e a vida no mundo de forma incompleta. Cavalcanti (2005) afirma que “é pela vivência espiritual que se abre à possibilidade da consciência da unidade, da totalidade e da identidade mais profunda com o self, ensejando uma experiência que, terapêutica em si mesma, é capaz de curar todas as faltas e feridas” (p. 189). A experiência do sagrado, quando vivenciada de forma saudável e integrada, isto é, sem o fanatismo presente em alguns espaços de religião institucionalizada, possibilita à pessoa tornar-se aberta e transparente, entrar em contato com o mais íntimo dela mesma e também pode incitar a manifestação de seu verdadeiro *eu* (Müller, 2004). Cabe ressaltar que é nessa perspectiva que a experiência do sagrado será abordada e discutida no decorrer do presente estudo.

A Sacralização do Mundo

Lentamente o mundo sofreu um processo de dessacralização, em decorrência de transformações sofridas na relação do homem com o ambiente, na qual não se está mais atento à necessidade de olhar profundamente as relações inter-humanas (Pinto, 2004). Para sobreviver em um mundo dessacralizado e afastado da espiritualidade, a pessoa teve que se forjar, ser forjada e forjar o mundo, da melhor forma possível, em um contexto favorável ao desenvolvimento de defesas, desconfianças e ausência de fé em si mesmo, no outro e no mundo (Ribeiro, 1998). Buber (2004) assegura que a pessoa que se relaciona com o outro apenas com o intuito de usá-lo e predominar sobre ele, desvincula-se da relação, da presença do outro em sua vida. Dessa forma, a pessoa fica cada vez mais distante do acesso à experiência do sagrado, perdendo também a oportunidade valiosa de vivenciar sua condição humana.

Diante desse contexto contemporâneo de dessacralização, faz-se necessário resgatar essa dimensão, o que pode ser observado na tendência humana atual de busca de síntese e totalidade. Essa busca acontece, de acordo com Müller (2004), em razão do desejo sempre presente de experienciar o sagrado, de lembrar à pessoa que falta algo em sua vida; assim, o sagrado espera, quer ser tocado e atuar como transformação na vida da pessoa. Este é também o pensamento de Buber (2004)³, o qual entende que quando a pessoa conhece o sagrado, pode conhecer também o sofrimento e a angústia de estar afastada dele, mas sabe que ele está, de alguma maneira, presente.

É um movimento natural do ser humano negar ou lidar com indiferença em relação àquilo que ele não consegue compreender, como afirma Ribeiro (2004).

³ Buber (2004) assinala que o homem, no decorrer de sua história, tem invocado seu Tu eterno com várias denominações, e a mais utilizada tem o nome de Deus. Neste estudo, na tentativa desvincular-se da religião institucionalizada, o Tu eterno referido por Buber (2004) será chamado de sagrado, conceito considerado mais abrangente.

Entretanto, a atitude defensiva em relação ao novo mantém a pessoa no mundo profano, no modo usual de ver as coisas, definido por Eliade (1992) como aquele que ainda não foi sacralizado. É no profano que se encontra a iminência do sagrado, que pode se manifestar sobre qualquer forma material (Eliade, 1998). Como explica Ribeiro (2005a) “o profano é a semente e o sagrado é a vida dentro dela que espera pelo momento da transcendência” (p. 79).

Assumir o sagrado ou o profano são duas atitudes diante do mundo ao mesmo tempo intensamente diferentes e não opostas. Eliade (1998) elucida, ainda, que a contradição entre sagrado e profano é apenas aparente, pois para o autor não existe nenhum objeto, ser ou planta que em algum momento não possa assumir sua sacralidade e, ao fazê-lo, revelam algo além deles mesmos, embora continuem a serem eles mesmos, ou seja, uma árvore sagrada em nada se difere das demais árvores, para quem a vê como uma árvore sagrada, no entanto, sua realidade torna-se transcendente. Piazza (1976) entende, igualmente, que o sagrado se manifesta no profano; assim, o que foi sacralizado pode voltar a ser profano. Essa afirmação já fora assinalada por Buber (2004) no enunciado: “a contemplação autêntica é breve” (p. 63). O sagrado inevitavelmente voltará a ser profano.

A pessoa conhece o sagrado pela sua capacidade de manifestar-se categoricamente diferente do que é profano, em relação a objetos ou pessoas pertencentes a esse mesmo mundo, como declara Eliade (1992). A vivência do sagrado provoca uma transformação profunda no ser, que o torna integrado consigo mesmo e com o mundo. Ribeiro (2004) assinala que tal vivência plenifica as potencialidades humanas, constitui-se em uma tendência natural para a totalidade do ser, está relacionada com a plenitude da existência, dando sentido à vida. Para o autor, trata-se da eterna busca humana de seu sentido e significado pessoal. A esse

respeito, Müller (2004) escreve: “quando consigo chegar ao mais íntimo de mim, eu estou em contato com o mundo do sagrado (...)” (p. 31).

Sobre a transformação que a experiência do sagrado pode provocar no ser, Buber (2004) esclarece:

Toda a plenitude da verdadeira reciprocidade, do fato de ser acolhido, de estar vinculado; sem que se possa, de algum modo, dizer como é feito aquilo a que se está ligado e sem que esta ligação nos facilite a vida – ela nos torna a vida mais pesada, porém mais pesada de sentido (...) Nada, nada mais pode ser sem sentido. A questão do sentido da vida não se coloca mais (p. 124).

O ser humano, ao assumir uma atitude defensiva e desconfiada para proteger-se, por sentir que o conhecido é mais seguro, resiste à entrada do sagrado em sua vida cotidiana, torna-se alienado, restringe o envolvimento, a compreensão e a atribuição de significado à sua existência, pois a entrada do sagrado dá-se pela via privilegiada da abertura de uma pessoa para a outra. A experiência com o sagrado torna-se fundamental na vida da pessoa; se fosse necessário renunciar a ela, a vida seria mais pobre e privada da experiência de viver o *eu* de forma mais profunda, considera Müller (2004). De acordo com Forghieri (2004), quando o indivíduo não consegue reconhecer e enfrentar seus conflitos e limitações, instala-se o adoecimento existencial, que pode ser visto como uma restrição ou um afastamento significativo da relação, situação em que a pessoa interrompe, ou mantém de forma inadequada, o contato consigo mesma, com o outro e com o mundo. Buber (2004) ressalta que a pessoa, ao encobrir de objetividade a relação, percorre o caminho de dificultar que o sagrado surja e, para reverter essa situação, precisará sair da sua ilusão de segurança e se permitir aventurar pelo mistério, e assim, a relação com o sagrado será estabelecida pela pessoa em sua totalidade.

O sagrado é uma vivência inefável que não se expõe com clareza, ao contrário, aparece pleno de mistério, suscita perplexidades e atrai o ser humano de maneira arrebatadora, faz que ele estremeça, e sobre ele exerça fascínio. Seu caráter irracional faz que sua existência não possa ser provada e a torna intraduzível em palavras, tanto que os sentimentos comuns não são capazes de expressar tamanha riqueza, como afirma Giovanetti (2005a). Da mesma forma, Buber (2004) sustenta que o sagrado é o totalmente outro. É o *mysterium tremendum* totalmente presente, e seu desvelamento domina a pessoa ao mesmo tempo que evidencia sua proximidade da sua essência. Constitui-se então em uma experiência que atrai e amedronta na mesma proporção.

Giovanetti (2004a) destaca ainda que a dimensão espiritual é inerente a todo ser humano, embora o tipo de vida que a pessoa leva, geralmente uma vida articulada na superficialidade, pode impedir que tal dimensão seja reconhecida e vivenciada. Trata-se do pensamento já manifestado antes por Buber (2004) ao afirmar que qualquer pessoa, desde a mais *parva*, é passível de conhecer, por intermédio da natureza, da intuição, ou ainda de forma obscura, o encontro com e a presença do sagrado, pois, de alguma maneira, ela o pressente. Alves (2004) defende a idéia de níveis de desenvolvimento espiritual, em que a possibilidade de contato com o sagrado é específica para cada fase da evolução da pessoa e também da sociedade. Também Müller (2004), vê a espiritualidade como parte fundamental do ser, enfatizando que se ela mesma não está integrada, a pessoa também não se integra com sua totalidade. Da mesma forma, Cavalcanti (2005) reconhece a dimensão espiritual presente em cada um como a possibilidade de o homem ser capaz de se autoconhecer, pois sem a inclusão do espiritual, o autoconhecimento é ilusório.

A dimensão espiritual é aquela que extrapola os limites do individual, mas que só pode ser conhecida pela experiência pessoal, e se manifesta nas dimensões interpessoal e intrapessoal e fundamenta a ambas. Trata-se da suposição de que a existência humana é permeada pelo espiritual, e que não há uma existência isolada. O ser humano é parte de uma totalidade maior e está constantemente conectado aos outros seres, sente-se irresistivelmente atraído pelo mistério do outro e desejoso de aproximar-se dele, que é tão belo e diferente (Giovanetti, 1999). Buber (2004) assegura: “acredite na simples magia da vida, no serviço, no universo e lhe será esclarecido o que significa cada espera, cada olhar da criatura” (p. 62).

A espiritualidade é definida por Moraes (2002) como a disposição da pessoa para reconhecer e relacionar-se com níveis transcendentais de existência, independentemente da experiência religiosa. Também para Alves (2004), a espiritualidade constitui a manifestação da capacidade humana de transcender e de gerar significados. Holanda (2005) estabelece uma importante distinção entre religiosidade e espiritualidade, assinalando que religiosidade refere-se à experiência religiosa institucionalizada e a espiritualidade, ao transcendente em geral. Dessa forma, é possível viver uma espiritualidade a-religiosa, acima de qualquer crença institucionalizada. Müller (2004) assume posição semelhante ao afirmar: “o desejo de deixar-se tocar (pelo sagrado) não está relacionado ao fato da pessoa pertencer a uma religião institucionalizada” (p. 9).

Hycner (1995) amplia a compreensão acerca do assunto, afirmando que a dimensão espiritual é uma realidade maior que a soma total da realidade individual e do mundo físico e visível. De forma análoga, Müller (2004) considera que a dimensão espiritual representa algo superior, mais amplo e elevado que o ser; ela está fora da pessoa, ao mesmo tempo que a envolve, a influencia, a toca e a faz perceber

que é sensível à espiritualidade. Malaguth (2003) considera que “a dimensão espiritual está (...) no mistério do *entre* (...) no poder transformador do contato inter-humano” (p. 27). Por fim, pode-se citar Ribeiro (2005a) que ressalta: “a espiritualidade é a expressão do sagrado. O sagrado parece algo de uma vivência profundamente interior, ao passo que a espiritualidade tem a ver coma expressão do ser no universo” (p. 87).

Mediante o diálogo e no contato com outro humano, o ser consegue conhecer-se mais profundamente. O espírito humano é capaz de crescer quando é nutrido por algo maior que ele mesmo. Para Buber (2004), uma pessoa entra em contato com a dimensão espiritual pelo encontro Eu-Tu, com a *alteridade*, pois os momentos de encontro interpessoal profundo levam o indivíduo ao encontro do sagrado. O enfoque na relação Eu-Tu, no *entre*, faz que o indivíduo tenha sua consciência e o sentido de seu lugar no mundo ampliados. O autor considera ainda que o homem só é capaz de aproximar-se do sagrado tornando-se humano. A função primeira do homem é tornar-se humano, pois foi para isso que ele foi criado.

O contato com o sagrado ilumina e mobiliza a existência, torna o indivíduo *aware* – processo de contato vigilante com o evento de maior importância no campo, ou seja, a integração de um problema – da realidade assustadora de que é mais parecido do que diferente dos outros indivíduos. Esse mesmo contato amplia a percepção do mundo e torna a aparente insignificância das ações individuais mais significativas; a vida, em geral, torna-se mais repleta de sentido. Como Buber (2004) explica: a experiência do sagrado torna a exclusividade e a inclusividade em uma unidade, em que tudo faz parte. A contribuição de Giovanetti (2004b) serve para esclarecer o significado do sagrado para quem o vivencia: “é a valorização de algo

absoluto, misterioso e intocável, que o transcende e que permanece como algo que às vezes merece veneração” (p. 08).

Piazza (1976), ao analisar o pensamento de Rudolf Otto, afirma que o sagrado é uma vivência objetiva e, embora seja também absoluta e transcendente, trata-se de um mistério tremendo e fascinante. A pessoa, ao ser tocada pelo sagrado, é tomada por certo estupor e temor, por ser uma experiência que transcende a sua capacidade de compreensão cognitiva, mas que é tão maravilhosa e insondável que a pessoa se sente atraída a aproximar-se de fascinante experiência.

Ribeiro (2005b) alerta que para a pessoa se encontrar com o sagrado é preciso primeiro que ela se encontre consigo mesma, com seu ser mais íntimo, com o mundo, e só então será capaz de experienciar o sagrado. O diálogo profundo com o outro leva a pessoa além de sua finitude. Quando o indivíduo se relaciona com outro *self* - o ser-no-mundo, variável conforme as situações – ele amplia a sua existência e torna-se inteiro, pois o *entre* possibilita a evolução de características do *self* que ainda não se desenvolveram. Malaguth (2003) define esse fenômeno oriundo do encontro, como “o poder transformador do inter-humano” (p. 27).

O mundo das relações, para Buber (2004), dá-se na esfera da vida com a natureza, da vida com o homem e da vida com os seres espirituais. Em todas elas, conjectura-se a margem do sagrado. Seguindo a esteira de Buber, Moraes (2002) ressalta que o sagrado pode estar em todos os meios em que a pessoa consegue atingir a experiência transcendente, seja mediante o contato com a natureza, com as pessoas ou com a arte, por exemplo.

Pinto (2004) e Ribeiro (2004) concordam que a descoberta do sagrado permite descobrir a ética, o mais alto sentido da moral – a solidariedade humana. O sagrado e a ética ressignificam a experiência humana, tornam o ser capaz de olhar

para o mundo e ver que tudo tem relação com tudo. Pinto (2004) sustenta ainda que a sua irrupção mostra à pessoa que ela é parte integrante do mundo. É necessário prestar atenção ao misterioso para ser possível ver o medíocre sacralizar-se. Todas as coisas profanas podem tornar-se sagradas se forem olhadas com uma atitude reverencial, como já foi lembrado por Eliade (1992, 1998).

Considerar a sacralidade de tudo permite entender que o sagrado pode ser contemplado em cada coisa e alcançado na beleza de cada ação que seja pura. Se é possível reconhecê-lo em si mesmo, em uma flor, uma pedra, em um animal, em cada amanhecer, em cada pôr-do-sol, na chuva ou na neve, o sagrado acontece em qualquer hora do dia para aquele que o aceita, como assinala Ribeiro (2004). Também Alves (2004) considera que a alegria, a energia, o amor, a descoberta do outro se tornam tão necessários que se revestem de um significado sagrado para quem os experiencia. Quando a pessoa é capaz de transcender o significado comum, por meio de um outro olhar, nesse momento o que era apenas material adquire um significado pessoal, sagrado, capaz de transformar a existência. Müller (2004) afirma que o encontro *entre* a pessoa e o sagrado acontece no aqui e agora, na presença. Independentemente do espaço e do tempo, cada pessoa encontra suas maneiras singulares de vivenciar o sagrado. Posição semelhante faz-se presente no pensamento de Buber (2004), que garante que o sagrado não encerra coerência com o tempo ou com o espaço.

A Experiência do Sagrado na Psicoterapia

Hycner (1995) sustenta que mesmo que grande parte do processo psicoterapêutico centralize-se na individualidade do cliente (aspecto intrapsíquico), um passo essencial da psicoterapia consiste em alertar o cliente para estar *aware* da

existência do outro e do mundo (aspecto intersíquico). A pessoa é essencialmente um ser de relação, e constantemente ela busca o outro. Para Holanda (1998), o diálogo autêntico acontece somente quando a fala possibilita a descoberta do outro, quando a pessoa consegue se questionar: “o que esse encontro revela sobre mim?”. Somente quando a pessoa se permite ser conhecida pelo outro é que, verdadeiramente, começa a se conhecer, como assegura Alves (2004). Nesse mesmo caminho, Feldman (2004) entende que o encontro é o responsável por dar sentido à vida. Yontef (1998) igualmente, considera que o encontro, o compartilhar profundo do *self*, é capaz de promover a cura.

Na perspectiva dialógica da *Gestalt-terapia*, a cura provém da relação. Para Malaguth (2003), a relação torna-se potencialmente curadora quando um dos parceiros, o psicoterapeuta, assume uma atitude dialógica. Cura é entendida pela autora em um sentido relacional, uma abertura para o apelo de sentido que se faz presente e exigente no cotidiano de cada existir, e quer dizer o mesmo que abertura para o diálogo com a alteridade e com o mundo. Para Ribeiro (1997), a cura propicia à pessoa experimentar algo novo, portador de mudança e de uma sensação de conforto que provoca força e motivação para mudar. Moraes (2002) considera que a partir do momento em que o cliente sente, que o psicoterapeuta, respeita a sua individualidade, sente-se também livre para abrir-se à relação.

Para percorrer esse caminho, torna-se fundamental a atitude do psicoterapeuta de voltar-se para a singularidade da pessoa que se apresenta a ele, ao estar presente, interessado e disponível, ao praticar a inclusão, a confirmação e suspender os *a priori*. Holanda (1998) sustenta que tais atitudes tornam possível acessar a totalidade da pessoa, considerá-la como um *ser* responsável e dotada de poder sobre suas relações. Nesse contexto, a cura assume o sentido mais individual de tornar a

pessoa mais integrada, de unir suas dimensões, o que confere à cura uma ressignificação existencial. Ribeiro (1998), seguindo a teoria paradoxal da mudança de Arnold Beisser, assegura: “quanto mais nos aceitamos, mais podemos mudar” (p. 58). Segundo Ribeiro (2004), é necessário que a *Gestalt-terapia* se interesse em estudar profundamente como o sagrado é vivido, experienciado e se revela agente de transformação na vida cotidiana das pessoas, para assim, tornar-se capaz de penetrar no mistério do cliente.

Moraes (2002) destaca a experiência do sagrado como aproximação a uma realidade maior, de difícil apreensão, que o psicoterapeuta acessa pela experiência vivida pelo cliente, que não é capaz de definir os passos do caminho, mas de sentir que chegou a algum lugar novo – e que agora é seu. Considerar a dimensão espiritual, para Pinto (2005), significa ter a possibilidade de enriquecer, tornar o processo psicoterapêutico mais dinâmico, libertador e facilitador, para que o cliente alcance de forma mais aberta e confiante alguns aspectos simbólicos da vida.

O psicoterapeuta que trabalha com o enfoque dialógico considera-se seu próprio instrumento. Seus sentimentos movem suas ações, e para ele, o homem é visto em sua totalidade, constantemente em processo de auto-regulação orgânica. Nessa perspectiva, conforme Polster e Polster (2001), o psicoterapeuta será capaz de ver o cliente em uma dinâmica relação com o mundo, em busca de autodescobertas e de formas melhores de viver. Holanda (1998) afirma não ser possível apreender o homem sem considerar a sua totalidade. Para Giovanetti (1999), compreender o homem em sua totalidade significa compreender melhor sua existência e ajudá-lo na descoberta do caminho para integrá-la. Pinto (2005) contribui para a discussão ao afirmar que tal atitude possibilita ao psicoterapeuta poder aproximar-se mais do *ser*

do cliente e assim, facilitar a sua busca pela sua essência e então, ser capaz de aproveitar melhor sua existência.

Maciel (2004), com base na análise feita em Viktor Frankl, assinala que existe a necessidade do psicoterapeuta tornar-se consciente da existência, no homem, da dimensão espiritual que não é completamente acessível, embora sua importância não se reduza por essa razão. Para o autor, a consciência do psicoterapeuta em relação à dimensão espiritual pode ajudar a desenvolver a capacidade que o cliente terá de dispor para integrar-se à sua existência autêntica.

Holanda (1998) declara que a *Gestalt-terapia* tem suas bases fundadas em influências filosóficas humanistas, existenciais e fenomenológicas, o que a leva a uma imprescindível e inevitável visão holística. Para Perls (1973), a *Gestalt-terapia* objetiva que o cliente alcance a interação de suas partes dissociadas e não se interrompa mais, por tanto, há a necessidade de não *dicotomizar* ou *atomizar* as experiências da pessoa, como complementa Ribeiro (2004). Maciel (2004) esclarece que a psicoterapia se baseia em uma abordagem compreensiva e fenomenológica em que o psicoterapeuta se dispõe a escutar, e assim, é possível que o horizonte existencial do cliente se descortine no processo psicoterapêutico. Para Ribeiro (2004), sem esse compromisso a psicoterapia fica empobrecida, torna-se parcial, incompetente e até mesmo desnecessária. Pensamento semelhante é sustentado por Pinto (2005), ao afirmar que quando a psicoterapia não considera a dimensão espiritual do cliente, ela cuida dele de forma parcial.

Reconhecer e valorizar a dimensão espiritual como integrante da pessoa e conseqüentemente integrante do processo psicoterapêutico significa propiciar, ao cliente, suporte para que ele consiga *beber das próprias fontes*, ou seja, viver de forma autêntica e espontânea, e assim, funcionar como mobilizador do processo de

cura. Para Maciel (2004), a experiência do sagrado e a psicoterapia embatem-se na intenção, que pertence a ambas, de religar a pessoa a si mesma e às suas fontes mais genuínas.

No processo psicoterapêutico, estabelecer a relação dialógica significa uma das formas mais profundas de contato inter-humano, o encontro entre duas pessoas, baseado no que é experienciado por elas, isto é, em que ambas são tocadas. Nesse caso, como assinala Yontef (1998), o cliente tem a possibilidade de aumentar sua *awareness*, crescer e tornar sua existência mais integrada. Para Hycner e Jacobs (1997) significa estabelecer abertura para a alteridade, para a singularidade do outro e assim estar disponível ao *entre*. Spangenberg (2004) assegura, que para que o encontro aconteça, é necessário expor-se, mostrar-se, dispor-se à entrega e à perda do controle, o que muitas vezes pode ser ameaçador. Contudo, segundo Hycner e Jacobs (1997), apenas com o abandono do autocontrole é possível a emergência de uma realidade maior.

Polster e Polster (2001) afirmam que, de forma sábia, o psicoterapeuta torna os conceitos o *fundó* para que o seu contato com o cliente aconteça baseado no fluir de sua humanidade. Assim, a psicoterapia é capaz de acessar profundamente a sensibilidade humana, penetrar no mistério de suas incertezas sem tentar encontrar explicações para o sofrimento humano. O psicoterapeuta que consegue conhecer intimamente seu cliente percebe sua totalidade como pessoa determinada pelo espírito, percebe seu centro dinâmico, e isso só é possível quando o psicoterapeuta se torna presente para o cliente.

Yontef (1998) entende que, no encontro psicoterapêutico, quando cliente e psicoterapeuta desvendam e expressam seu ser autêntico, torna-se possível uma atitude de mutualidade e um fluxo livre de afetividade. Moraes (2002) assinala que o

psicoterapeuta não está imune ao contato com o que a pessoa tem de *melhor*, com o sentido maior de sua existência, pois o contato como outro possibilita-lhe encontrar o que tem de *melhor* nele mesmo, tanto como profissional quanto como pessoa. Portanto, há reciprocidade na relação, ou seja, o psicoterapeuta forma e é formado pelos seus clientes.

No processo de busca pela totalidade do cliente, o sagrado é uma graça com a qual psicoterapeuta e cliente podem ser surpreendidos e arrebatados quando, em contato profundo consigo e com o outro, alcançam o cerne de suas existências, ampliando suas possibilidades. Para Ribeiro (2005a), o sagrado surge como fruto do acaso existencial. Ao procurá-lo não existe garantia alguma de encontrá-lo, a pessoa não tem poder sobre ele, porém somente com a disposição para essa busca é possível reconhecê-lo. Buber (2004) assegura que se pode encontrar o sagrado em todos os lugares, procurá-lo é uma atitude essencial da pessoa, porém não é a procura que possibilita o encontrar, pois o sagrado encontra-se com a pessoa por graça. A contemplação do mundo como espaço sagrado deixa a pessoa na presença dele.

De acordo com Pinto (2005), a pessoa que acredita poder encontrar um sentido para sua existência tende a estar mais aberta ao contato inter-humano. Nesse sentido, Müller (2004) considera que o cliente se abre para o encontro com o outro e conseqüentemente com o sagrado; ao estar aberto para ser tocado pelo sagrado, o cliente descobre que sua vida é enriquecida, por ser o sagrado um anseio essencial de sua existência. O encontro com o sagrado, no entendimento de Veríssimo (2004), possibilita mergulhar em “uma identidade profunda e íntima com uma realidade misteriosa, que não se reduz a ele e que tem algo a mostrar para ele. Então, o indivíduo tem a oportunidade de retornar a si com um olhar transmutado” (p. 171).

No encontro psicoterapêutico, cliente e psicoterapeuta devem estar abertos para o diálogo, momento fértil para o aparecimento do sagrado – possibilidade terapêutica transformadora. A abertura para deixar-se tocar pelo sagrado depende de cada um, sendo maior ou menor de acordo com a disponibilidade da pessoa, como afirma Müller (2004). O desafio do psicoterapeuta consiste, então, em estar totalmente presente diante do que possa emergir na sessão, reverenciar o cotidiano e ser capaz de reconhecer e favorecer a dimensão espiritual em cada momento de seu cliente. Essa atitude tornará possível o estabelecimento de um funcionamento mais saudável e integrado, ao propiciar um senso mais estável da identidade do cliente. No instante em que a palavra do terapeuta e a palavra do cliente nada esperam, apenas se encontram em sua profunda singularidade, instaura-se a possibilidade de o cliente deixar de vivenciar apenas suas limitações e se tornar aberto para descobrir o sagrado e as possibilidades inerentes a ele.

Assim, é necessário valorizar o espiritual, dimensão essencial na constituição da identidade humana, tanto individual quanto social. Hycner (1995) ressalta que o psicoterapeuta que está aberto a um sentido maior da realidade consegue ter maior compaixão pelo seu cliente e quando ele percebe a presença reverenciadora do psicoterapeuta torna-se mais aberto para o reconhecimento do agora eterno, como foi lembrado por Moraes (2002). Forghieri (2004) enfatiza que é por meio da presença genuína do psicoterapeuta que a recuperação do envolvimento e da sintonia do cliente com ele mesmo, com o outro e com o mundo é viabilizada. De acordo com Müller (2004), quando a pessoa é tocada pelo sagrado surge nela a convicção de que sempre há possibilidades de poder recomeçar a vida.

Objetiva-se, com este estudo de caso compreender como um psicoterapeuta da abordagem gestáltica entende o sagrado, como parte integrante de sua vida

pessoal e do processo psicoterapêutico, sendo capaz de enriquecê-lo em sua profundidade.

Metodologia

Para realizar o estudo de caso (*O sagrado e a experiência do sagrado na psicoterapia: o olhar de um gestaltista*) foi utilizado o método fenomenológico de Giorgi (Moreira, 2002), que parte da descrição do conteúdo da entrevista, com o objetivo de alcançar unidades de sentido, fundamentados no relato obtido, e por intermédio de um processo de reflexão, realiza a análise qualitativa das unidades de sentido mais reveladoras do fenômeno considerado pelo estudo – a experiência do sagrado. Para a condução da análise dos dados obtidos fez-se a suspensão do julgamento por parte da pesquisadora, em relação aos valores apresentados pelo entrevistado, porém o julgamento crítico quanto à clareza e abrangência da síntese descritiva foi resguardado.

Participante

Participou deste estudo um psicoterapeuta da abordagem gestáltica, do sexo masculino, com 25 anos de experiência, diretor-fundador e docente em um instituto de *Gestalt-terapia*, professor de gestalt-terapeutas em diversos centros de formação. O entrevistado foi escolhido em virtude de sua notória experiência pessoal e didática com o tema proposto por este estudo.

Instrumento

Utilizou-se a entrevista fenomenológica semi-estruturada, elaborada pela autora, constituída de cinco itens (anexo A) com o intuito de abranger e

contextualizar a experiência pessoal e profissional do psicoterapeuta. Esse instrumento do estudo propiciou a emergência dos conteúdos de forma espontânea, particular e franca. Sua estrutura inicial serviu para estimular o diálogo entre o entrevistado e a pesquisadora, e a flexibilidade do instrumento foi útil para integrar ao conteúdo da entrevista outros aspectos que surgiram relacionados ao estudo.

Procedimento

O primeiro contato com o entrevistado foi realizado pessoalmente, durante o intervalo de um curso ministrado por ele. Inicialmente, foram explicadas a proposta, os objetivos e a finalidade do estudo e também a forma como seria realizado: uma entrevista gravada e posteriormente transcrita. Com a anuência do psicoterapeuta em participar do estudo, o compromisso foi firmado com um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de acordo com a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (anexo B). Foram então marcados data e local da entrevista: no dia seguinte ao primeiro contato, e em um dos consultórios do instituto em que o entrevistado estava ministrando seu curso. Após nova apresentação e esclarecimentos sobre o estudo, foi iniciada a entrevista, na qual não foram necessárias muitas intervenções além do roteiro prévio, pois a fala do entrevistado já ampliava a pergunta inicial. A entrevista teve duração de 40 minutos.

A experiência do sagrado relatada pelo entrevistado foi distribuída em duas áreas: em sua vida pessoal e no âmbito da psicoterapia; ao considerar a presença, as conseqüências e os reflexos dessa experiência no fazer psicoterapêutico. A análise qualitativa e a discussão dos resultados tiveram por base a literatura consultada. A descrição fenomenológica que será apresentada objetiva contribuir para ampliar a

compreensão da experiência do sagrado de um psicoterapeuta e como esta experiência aparece no exercício psicoterapêutico.

Resultados e Discussão

Os resultados obtidos, por intermédio da entrevista, foram sintetizados para atender às exigências normativas da modalidade do trabalho que se trata de um artigo. Conforme apontado, este estudo buscou as unidades de sentido, que forma delineadas no decorrer do tópico.

Os fragmentos apresentados a seguir a partir da entrevista que expressam o olhar do entrevistado sobre a experiência do sagrado primeiramente em sua vida pessoal e a seguir no processo psicoterapêutico.

Para o entrevistado, o sagrado não se encontra em uma dimensão extra-mundo, ao contrário, está presente na vida cotidiana, como pode ser observado no Fragmento 1.

Fragmento 1:

Eu não poderia separar minha vida num espaço, eu não sei se poderia chamar de normal, de um espaço sagrado (...) o sagrado está o tempo todo em volta de você (...)

O trecho da entrevista confirma o pensamento de Giovanetti (2004a) e o de Müller (2004) que consideram a experiência do sagrado como inerente ao ser humano, sendo parte fundamental da totalidade da pessoa. A sentença do entrevistado corrobora ainda, o pensamento de Eliade (1992 e 1998) que assinala que o sagrado está presente nas coisas profanas do mundo.

No Fragmento 2, o entrevistado considera a experiência do sagrado como habitando predominantemente a região do sentimento e não do conhecimento, o que dificulta traduzi-lá em termos cognitivos.

Fragmento 2:

(...) Eu acho que a experiência do sagrado (...) é uma coisa difícil de se falar, primeiro porque é uma experiência, e as experiências têm essa qualidade, são difíceis de serem transmitidas cognitivamente (...) e isso é inexplicável, mas sim experimentável (...) de forma que atua na experiência de sentir (...) eu não costumo falar do sagrado com as pessoas, porque o sagrado é uma experiência, falar do sagrado é daqueles “papos” que só para alguém que tenha vivido o sagrado faz sentido. Então, aí os dois podemos nos emocionar, compartilhar experiências, nos acompanhar na felicidade de conquistar aquele lugar.

Pode ser evidenciada, no trecho da entrevista, a dificuldade de falar sobre a experiência do sagrado, em termos de sentimentos comuns, pela característica desse tema de transcender a capacidade de compreensão cognitiva, pelo mistério e fascinação que exerce, como declarado por Piazza (1976) e Giovanetti (1999, 2005a).

O sagrado, conforme a concepção que o entrevistado apresenta no Fragmento 3, detém um sentido de libertação presente em diversas modalidades das experiências vividas no trânsito cotidiano da existência.

Fragmento 3:

(...) o sagrado é uma vivência muito especial, que na verdade inclui várias experiências diferentes. Existem experiências que são claramente transpessoais, espirituais. Existem experiências amorosas que levam você a uma experiência do sagrado (...) transcender esse momento material, limitado, para chegar a esse lugar do sagrado parece uma libertação, parece a descoberta de uma nova dimensão, aonde você descobre a beleza, a liberdade, a sacralidade de tudo (...) então essa abertura, esses momentos de transcender as fronteiras do “eu” e “não eu” e entrar mais no mundo do grande sentido são todas experiências do sagrado.

Buber (2004), Moraes (2002), Malaguth (2003), Alves (2004) e Ribeiro (2004) sustentam pensamento semelhante ao considerarem a contemplação do sagrado em cada coisa, em cada ação, em cada relação, quando a pessoa consegue transcender o significado comum e confere significado sagrado àquilo que era apenas material.

O encontro interpessoal, como notado no Fragmento 4 do relato do entrevistado, detém o poder transformador e a possibilidade do contato com o sagrado, na relação psicoterapêutica, a abertura e a disponibilidade do psicoterapeuta tornam-se suficientes.

Fragmento 4:

A presença do outro converte o espaço em transcendente, em sagrado (...) A pessoa profundamente amada transfigura o campo, que é aqui que a gente se encontra. Eu acho que é uma construção dos dois, e é uma coisa além dos

dois, além da vontade das pessoas (...) os dois ficam juntos no sagrado, em relação. É um momento (...) de grande testemunho (...) mas não é preciso os dois para chegar àquele lugar, quando é uma relação terapêutica. Se tem um dos dois abertos é muito possível que os dois atinjam essa dimensão.

Ribeiro (2005b) considera que a pessoa em diálogo profundo com o outro ultrapassa sua finitude e torna-se consciente de seu sentido de lugar no mundo. Na mesma linha, Müller (2004) e Maciel (2004) assinalam que relacionar-se com outro *self* integra e amplia a existência e encerra as incertezas que a margeiam. E Malaguth (2003) amplia tais considerações ao assegurar que a experiência do sagrado é alcançada pelo mistério do *entre*, o que significa dizer que algo acontece, e faz-se presente na relação além das pessoas envolvidas nela.

O sagrado é considerado, para o entrevistado, como uma experiência de movimento, da qual se entra e da qual se sai, no momento da retirada perde-se o senso de plenitude conferido do sagrado, como mostra o Fragmento 5.

Fragmento 5:

E assim que eu fui achando novamente o meu caminho, essas experiências voltaram e voltam o tempo todo (...) eu chamaria viver num espaço sagrado e me dar conta quando eu cair desse espaço sagrado. Geralmente, por alguma interrupção na conexão comigo mesmo, algum erro na relação, alguma coisa que acontece que quebra esse elo, essa conexão com tudo que está em volta (...) aí eu me sentir sozinho, angustiado, separado, porque essa experiência do sagrado geralmente, vai junto com uma experiência de plenitude (...) de muito sentido (...)

Cavalcanti (2005) também coloca a experiência do sagrado como portadora do meio para torna-se possível a consciência da unidade, da totalidade e da identidade mais profunda da pessoa. Cabe a referência ao pensamento de Buber (2004) de que a pessoa que torna a relação utilitária dificulta o surgimento do sagrado. E por fim, o fato de que a pessoa que já experienciou o sagrado experiencia também aflição e angústia quando se encontra afastada dele.

No Fragmento 6, o entrevistado considera o sagrado como ocupante natural do espaço psicoterapêutico, por ser a experiência do sagrado uma busca constante da pessoa, para tanto a psicoterapia não consegue escapar dessa busca.

Fragmento 6:

Então, para mim a psicoterapia sempre esteve ligada a um campo de muita magia, ainda que eu não conseguisse falar expressamente disso, eu sempre tive essa consciência do espaço sagrado, da percepção do sagrado e também que a procura mais profunda do ser humano é voltar a esse espaço sagrado.

Ribeiro (2004) pondera que a experiência do sagrado no processo psicoterapêutico é evidente, de modo que justifica-se a importância da Gestalt-terapia envolver-se de interesse e estudo por experiência. Da mesma forma, Pinto (2005) enfatiza que somente levando em conta o sagrado é possível à psicoterapia enriquecer-se e tornar-se um processo dinâmico libertador e facilitador na integração autêntica da existência do cliente, por ser, a experiência do sagrado, a eterna busca humana, busca de sentido e significado existencial. O que Müller (2004) acredita acontecer em função do desejo de experienciar o sagrado ser constantemente presente à pessoa, que sente falta de algo em sua vida.

A psicoterapia constitui-se, na ótica demonstrada pelo entrevistado no Fragmento 7, um espaço em que pode ser possível, para o cliente, recuperar o sagrado, para ele um contato íntimo que dá sinal da recuperação da saúde, ou seja, um contato de cura.

Fragmento 7:

(...) a psicoterapia é um espaço, um dos espaços significativos, onde as pessoas podem recuperar a relação com o sagrado (...) e isso está diretamente ligado à saúde, então, até diria que quando a pessoa melhora a sua neurose, se pode ser chamado assim, não tem maneira de não entrar mais claramente no campo do sagrado, no campo, no plano espiritual, acho que é uma consequência que a pessoa não procura, conscientemente, mas que acontece, é um fenômeno que você pode perceber.

Vem à tona a discussão proposta por Müller (2004) que sustenta: o processo psicoterapêutico ao propiciar a abertura do cliente para o outro o faz também para a experiência do sagrado, momento em que o cliente consegue perceber que sua vida se enriquece de sentido, ao entrar em contato íntimo com uma realidade repleta de mistério, que de alguma maneira o transforma.

O Fragmento 8 confirma a concepção do entrevistado do sentido essencial do sagrado como cura na psicoterapia.

Fragmento 8:

Então, isso tudo do sagrado na terapia está em todos os níveis, o sagrado no trabalho com o cliente, o sagrado no encontro com outro, o sagrado na tarefa

de cura, o sagrado na vocação (...) e o sagrado em relação à patologia, uma procura da saúde (...) essa perda da conexão com o sagrado leva as pessoas à patologia e quando elas recuperam a saúde de alguma maneira voltam para o sagrado.

O exercício psicoterapêutico oferece a possibilidade de conhecer intimamente a sensibilidade do cliente em sua totalidade, desde que baseado na atitude de presença do psicoterapeuta, capaz de reverenciar a experiência do sagrado em cada momento cotidiano do cliente e assim, tornando possível ao cliente, alcançar um senso mais estável de identidade e um funcionamento mais saudável e integrado.

O entrevistado, no Fragmento 9, acredita que a pessoa aberta ao sagrado torna-se uma via para o outro em direção ao sagrado. E esse se constitui em um processo de cura mútua.

Fragmento 9:

(...) só que quando você está aberto a isso, você se converte em veículo de canalização do sagrado para os outros, para você e para os outros (...) a experiência do sagrado no sentido da missão de cura, da vocação de ser uma pessoa que dedica sua vida a ajudar outras pessoas e também a ser ajudado por essas mesmas pessoas, é uma trilha que tem duas faces (...) entra aí no espaço do sagrado e sempre é curativo, atingir de alguma maneira o espaço do sagrado, é atingir de alguma maneira o espaço da totalidade de você e das relações que você tanto buscou.

O segmento da entrevista é um exemplo do que Ribeiro (1997), Yontef (1998) e Malaguth (2003), sustentam acerca da psicoterapia, em que o psicoterapeuta assume uma atitude dialógica, por acreditar que o encontro é potencialmente curador, e que essa cura se dá no *entre* e afeta a ambos, como enfatiza Moraes (2002).

O adentrar no sagrado, de acordo com o Fragmento 10 da entrevista, revela um mundo diferente da experiência profana, evidenciado pelo reconhecimento e reverência ao mistério da vida. Enquanto, na psicoterapia, essa entrada no sagrado dá-se pela via do amor do psicoterapeuta, que permite ao cliente passar pelo processo de renascimento do seu ser.

Fragmento 10:

(...) quando a pessoa começa a descobrir de novo (a experiência do sagrado), o mundo dá sinais em volta de si. Quando a vida começa a falar para ela, com ela de novo (...) antes ela não via, não enxergava, e de repente a pessoa começa a ver um monte de sinais (...) sincronicidades: acontecimentos no mundo de fora que têm reflexos dentro e têm uma conexão acausal com o mundo interno (...) vira um campo de velas acesas iluminando por toda parte (...) Uma das dimensões do sagrado mais importante é a recuperação do mistério, que é a prova do verdadeiro amor da vida pelo homem, quando a pessoa sai da neurose, da repetição, sua vida começa a ter um projeto diferente, um projeto existencial, e a vida começa novamente a ser uma aventura, não sei para onde vou (...) os sinais estão lá é só ir. Outra experiência do sagrado quando a pessoa consegue atingir em seu âmago, suas feridas, suas mágoas e de alguma maneira voltar a nascer, restaurar isso através do amor, do contato, do carinho, da relação terapêutica. E resgatar sua

auto-estima nesse momento. Tudo o que é reconhecer o amor na terapia, como um dos fatores que dela fazem parte, levam a pessoa ao sagrado.

Müller (2004) esclarece que o cliente entra na experiência do sagrado ao entrar em contato com suas vivências mais íntimas e é invadido pela convicção de que na vida há sempre a possibilidade de recomeçar. Quando é capaz de abandonar a falsa sensação de segurança e iniciar uma aventura pelo mistério, que o transforma profundamente e o torna integrado a sua totalidade e com o mundo.

O entrevistado, no Fragmento 11, reafirma a impossibilidade de ser psicoterapeuta sem considerar a experiência do sagrado como parte inseparável do processo psicoterapêutico, que perde seu sentido quando está fora dessa experiência.

Fragmento 11:

(...) para mim é inevitável no processo (psicoterapêutico), e eu acho que acontece ainda, as pessoas que tentem evitar, que não queiram olhar para isso, mas acontece (...) (a psicoterapia) fica castrada, reduzida, (...) não sei, eu não saberia nunca fazer isso. Para mim é uma arte impressionante que as pessoas consigam separar as coisas, eu sei que conseguem, eu sei que fazem, mas para mim (a psicoterapia) fica sem sentido (...)

Perls (1973) assegura que a finalidade da psicoterapia é que o cliente consiga integrar as suas partes dissociadas, ao deixar de se interromper. Um compromisso, que segundo Ribeiro (2004), se não for assumido torna a psicoterapia pobre, incompetente, por vezes desnecessária. Seguindo o mesmo caminho, Pinto (2005)

adverte que a psicoterapia sem considerar a experiência do sagrado como parte integrante dela assume um cuidar de forma parcial do cliente.

Ante as unidades de sentido obtidas a partir do conteúdo da entrevista torna-se possível elucidar a estrutura da experiência do sagrado na concepção do entrevistado. Ele assegura a presença do sagrado como parte integrante da psicoterapia e do âmbito geral da vida. Na esfera da vida o sagrado assume um sentido libertador da existência, que se torna plena de sentido. O sagrado concebido como uma experiência de movimento, em que se entra e se sai, retirar-se da experiência do sagrado interrompe a plenitude que é estar nele. Para o entrevistado, a experiência do sagrado torna-se difícil de ser discutida cognitivamente em função de ser uma experiência de sentimento, de emoção. A abertura e disponibilidade do psicoterapeuta em reconhecer a experiência do sagrado tornam a psicoterapia campo fecundo para que o cliente caminhe em direção à totalidade de sua existência, inicie um processo de renascimento e alcance a cura. A cura é para o entrevistado o sentido essencial do sagrado. Percorrer o caminho para o sagrado permite à pessoa aventurar-se pelos mistérios da vida, em que não se sabe para onde vai, mas a plenitude da experiência incita e atrai. No encontro, a abertura de uma das pessoas envolvidas torna-se um caminho livre para que o outro o percorra em direção ao sagrado, em que ninguém está imune e que acontecerá um processo de cura mútuo. Por fim, o entrevistado não concebe a psicoterapia sem a abertura para o sagrado, conforme afirma, a psicoterapia que exclui a experiência do sagrado torna-se reduzida e limitada em suas possibilidades transformadoras, chegando até perder o seu sentido.

Considerações Finais

O presente estudo propôs compreender como a experiência do sagrado é vivenciada por um psicoterapeuta e sua influência na psicoterapia. Da entrevista realizada, destacaram-se dois aspectos: a vivência pessoal e profissional da experiência do sagrado.

Observou-se que o entrevistado percebe o mundo de forma sagrada, e considera que para ver o mundo com esse olhar a pessoa necessita estar integrada à sua totalidade, ao conectar-se com seu *eu* mais íntimo. O entrevistado afirma que o contato com o sagrado é portador de contato com a emoção e com a liberdade. Para ele, perder a conexão com o ser da pessoa e com o outro faz perder a conexão com o sagrado. Ele considera que na psicoterapia, cliente e psicoterapeuta podem criar um espaço para transformarem-se, no contato íntimo e autêntico de entrega e perda do controle sobre o outro e sobre a vida, em que tudo se ilumina de significado e sentido. O entrevistado assegura que a experiência do sagrado é significativa e potencialmente favorável ao crescimento existencial e a cura.

Procurou-se verificar se a experiência do sagrado faz parte do processo psicoterapêutico por intermédio da pessoa do psicoterapeuta com abertura para o tema. Pôde-se verificar a possibilidade da relação psicoterapêutica tornar-se campo fértil para que a experiência do sagrado surja como uma experiência transformadora e de cura. Nesse ambiente, o cliente e o psicoterapeuta entram em contato com sua totalidade, com sua essência e tornam-se integrados consigo mesmos e com o mundo, a partir de então visto repleto de sentido.

A análise feita na discussão respeitou o objetivo do estudo: compreender a experiência do sagrado. Esta discussão, contudo, padece dos limites de espaço impostos por sua natureza de artigo acadêmico. A reaplicação da metodologia pode

aprofundar e ampliar o estudo. Pode-se estender as intervenções da entrevista e também fazê-la com um número maior de psicoterapeutas da mesma abordagem e de abordagens diversas, quando será possível sair de uma experiência particular para a compreensão de como a experiência do sagrado tem sido vivenciada no campo da psicoterapia em geral, isso permitirá também realizar a comparação dos resultados obtidos.

Outros diversos aspectos relacionados à experiência do sagrado podem merecer atenção em estudos posteriores, tais como a vivência do sagrado em diferentes culturas e essa mesma vivência experienciada de forma negativa, como nas ideologias e no fanatismo, aspectos que ampliam a compreensão acerca do tema.

O caminho percorrido por este estudo, mostra quão importante é reconhecer a vivência do sagrado como parte integrante e integradora da vida e da psicoterapia, como vários autores já vêm fazendo, ao contatar a potencialidade de ressignificação e cura inerentes a esta experiência.

Referências Bibliográficas

- Alves, V. P. (2004). Fenomenologia da religião: pesquisas sobre experiência religiosa com universitários e suas implicações para o ensino religioso. In A. F. Holanda (Org.), *Psicologia, religiosidade e fenomenologia* (pp. 79 - 96). Campinas: Alínea.
- Buber, M. (2004). *Eu e tu*. São Paulo: Centauro
- Cavalcanti, R. (2005). *O retorno do sagrado*. São Paulo: Cultix.
- Eliade, M. (1992). *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes.
- Eliade, M. (1998). *Tratado de história das religiões*. São Paulo: Martins Fontes.
- Feldman, C. (2004). *Encontro: uma abordagem humanista*. Belo Horizonte: Crescer.
- Forghieri, Y. C. (2004). *Psicologia fenomenológica: fundamentos, método e pesquisas*. São Paulo: Pioneira.
- Ginger, S. e Ginger, A. (1995). *Gestalt: uma terapia de contato*. São Paulo: Summus.
- Giovanetti, J. P. (2004a). A vivência religiosa no mundo (pós) moderno. In V. A. A. Camon (Org.), *Espiritualidade e prática clínica* (pp. 111-126). São Paulo: Pioneira.
- Giovanetti, J. P. (2004b). O sagrado na psicoterapia. In V. A. A. Camon (Org.), *Vanguarda em psicoterapia fenomenológico-existencial* (pp. 01-12). São Paulo: Pioneira.
- Giovanetti, J. P. (1999). O sagrado e a experiência religiosa na psicoterapia. In M. Mahfoud & M. Massini (Org.), *Diante do mistério: psicologia e senso religioso* (pp. 87-96). São Paulo: Loyola.

- Hall, C. S. & Lindzey, G. (1984). *Teorias da personalidade* (vol. 2). São Paulo: EPU.
- Hycner, R. (1995). *De pessoa a pessoa: uma psicoterapia dialógica*. São Paulo: Summus.
- Hycner, R. & Jacobs, L. (1997). *Relação e cura em Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus.
- Holanda, A. F. (1998). Saúde e doença em gestalt-terapia: aspectos filosóficos. *Estudos de Psicologia* (PUC-Campinas), 15 (2), 29-44.
- Holanda, A. F. (2005). *Mysterium tremendum*: psicologia da religião e a questão da psicopatologia. *Anais do XI Encontro Goiano de Abordagem Gestáltica*, 11, 53-68.
- Maciel, J. C. (2004). O indisponível e a psicologia: a dimensão espiritual no pensamento de Viktor Frankl. In A. F. Holanda (Org.), *Psicologia, religiosidade e fenomenologia* (pp. 11-36). Campinas: Alínea.
- Malaguth, M. M. (2003). A dimensão espiritual da terapia. *Viver Psicologia*, 123 (XI), 26-27.
- Moraes, C. C. (2002). *Trabalhando com os fenômenos religiosos e espirituais: uma proposta metodológica para avaliação da experiência de ampliação da consciência no processo grupal*. Tese de Doutorado, não publicada, Universidade de Brasília, Brasília.
- Moreira, D. A. (2002). *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira.
- Müller, W. (2004). *Deixar-se tocar pelo sagrado*. Petrópolis: Vozes.
- Penha, J. (1990). *O que é existencialismo*. São Paulo: Brasiliense.
- Perls, F. (1973). *A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia*. Rio de Janeiro: LTC.

- Piazza, W. D. (1976). *Introdução à fenomenologia religiosa*. Petrópolis: Vozes.
- Pinto, E. B. (2004). Reflexões sobre solidariedade, educação e postura de vida. In A. F. Holanda (Org.), *Psicologia, religiosidade e fenomenologia* (pp. 147-162). Campinas: Alínea.
- Pinto, E. B. (2005). As realidades últimas e a psicoterapia. *Anais do XI Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica*, 11, 91-98.
- Polster, E. e Polster, M. (2001). *Gestalt-terapia integrada*. São Paulo: Summus.
- Ribeiro, J. P. (2005a). O sagrado para além da psicoterapia. *Anais do XI Encontro Goiano de Abordagem Gestáltica*, 11, 79-90.
- Ribeiro, J. P. (2005b). *A experiência religiosa do sagrado*. Trabalho apresentado, não publicado, no I Simpósio de Estudos da Religião da UnB, Brasília.
- Ribeiro, J. P. (1997). *O ciclo do contato: temas básicos na abordagem gestáltica*. São Paulo: Summus.
- Ribeiro, J. P. (2004). Religião e Psicologia. In A. F. Holanda (Org.), *Psicologia, religiosidade e fenomenologia* (pp. 11-36). Campinas: Alínea.
- Ribeiro, W.F.R. (1998). *Existência → Essência*. São Paulo: Summus.
- Spangenberg, A. (2004). *Terapia gestáltica e a inversão da queda*. São Paulo: Livro Pleno.
- Veríssimo, L. J. (2004). Algumas considerações sobre a experiência religiosa. In V. A. A. Camon (Org.), *Espiritualidade e prática clínica* (pp.169-191). São Paulo: Pioneira.
- Yontef, G. M. (1998). *Processo, diálogo e awareness*. São Paulo: Summus.

Anexos

Anexo A

Roteiro de Entrevista

1 – Qual a sua atitude diante da experiência do sagrado, ou seja, como você lida com o sagrado em sua vida pessoal?

2 – Como você lida com a experiência do sagrado quando ela surge na psicoterapia?

3 – Quais são os reflexos, dentro do processo psicoterapêutico, da experiência do sagrado na vida do cliente?

4 – Como a transcendência está relacionada com a experiência do sagrado?

5 – Quais as conseqüências, na psicoterapia, quando a experiência do sagrado não é considerada como parte do processo?

Anexo B

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, em um estudo de caso. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua, e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa, você não será penalizado de forma alguma. Em caso de dúvida, você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica de Goiás pelos telefones 3227-1071.

Informações sobre o estudo de caso:

Título do Projeto: O sagrado e a experiência do sagrado na psicoterapia: o olhar de um gestaltista

Pesquisador Responsável: Cibele Mariano Vaz

Telefone para contato: 62- 3942-0177

Objetivo do Estudo: Compreender a visão de um psicoterapeuta em relação à experiência do sagrado. **Metodologia:** Método de Pesquisa Fenomenológico.

Procedimento: Entrevista gravada e posteriormente transcrita e analisada

Assinatura da pesquisadora: _____

Assinatura do entrevistado: _____

Data: _____